

# FILOSOFAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS NA AFIRMAÇÃO DA ESCOLA COMO LUGAR DE ESCUITA, FORMAÇÃO E ABERTURA DE MUNDOS<sup>42</sup>

*Paula Ramos de Oliveira<sup>43</sup>*

## **Resumo**

O presente texto discute a filosofia e o filosofar como possibilidades de abertura de mundos. Quando ocorrem na escola, podem promover um lugar compartilhado no qual professores e alunos, juntos, fazem a experiência do filosofar, abrindo espaço para uma vida filosofante. Como cada percurso na filosofia é único e traz suas próprias marcas, apresento vinte e dois pontos que se tornaram importantes para sustentar o trabalho que venho desenvolvendo na área de filosofia com crianças.

**Palavras-chave:** filosofia; filosofar; experiência.

## **PHILOSOPHISING ON TEACHER EDUCATION: EXPERIENCES IN SCHOOL AFFIRMATION AS A PLACE**

42 Texto apresentado em mesa-redonda, com esse título, no Seminário Internacional educação, filosofia, infâncias - filosofar com infâncias: resistir na escola, agosto de 2018, CEUNES/UFES São Mateus-ES.

43 Docente da Faculdade de Ciências e Letras - FCLAr-UNESP, e-mail: paula-ramos@uol.com.br.

## OF LISTENING, EDUCATION AND THE OPENING OF WORLDS

### Abstract

The present text discusses the philosophy and the philosophizing like possibilities of opening of worlds. When they occur in school, they can foster a shared place in which teachers and students, together, make the experience of philosophizing, making room for a philosophizing life. As each course in philosophy is unique and brings its own marks, I present twenty-two points that have become important to sustain the work that I have been developing in the area of philosophy with children.

**Keywords:** philosophy; to philosophize; experience.

### Abrir-se ao mundo com o filosofar

Gostaria de iniciar tentando decompor o título aqui proposto, compreendendo que nele já há um caminho a ser pensado e que ele não é simples. Pelo contrário. Há muitas conjunções possíveis entre as palavras que se organizam em torno de uma ideia e, portanto, ela pode ser percorrida de muitos modos. E isso é bom, pois cada um tem seu próprio jeito de caminhar. Essa diversidade abre caminhos vários, o que permite alguns encontros e talvez algumas solidões, mas tanto em um caso quanto em outro se trata sempre de uma busca por mundos possíveis para se habitar.

Irei então decompô-lo, mas para, em seguida, começar a recompô-lo, aos poucos, assim como o movimento do nosso pensamento. Vejamos o título e as ideias que nele já estão presentes: “Filosofar na formação de professores: experiências na afirmação da escola como lugar de escuta, formação e abertura de mundos.”

Trata-se, antes de mais nada, de pensar a presença da filosofia na escola. A escola é um dos lugares em que podemos encontrá-la. E cada lugar que ela ocupa tem o seu cenário. Na escola a filosofia é feita com alunos e um professor, embora haja muitos outros modos de habitar a filosofia e um deles seja sem um professor. Então temos que a presença da filosofia na escola implica a figura de um professor. Avançamos em mais um elemento do título. Mas, se vamos aprender filosofia neste lugar que se chama escola e com um professor, o que muda?

A escola é um lugar compartilhado. Via-de-regra o professor de filosofia faz um convite a seus alunos, algo como um passeio. O convite que cada professor faz tem a ver com a sua formação, com o seu trajeto, com os passeios que fez ao longo da vida, com os encontros que teve com a filosofia. E, se ele realmente fez desse caminhar uma experiência, então terá dado vida a si mesmo e à filosofia. Terá se encontrado *no filosofar, com o filosofar*. Neste caso, o convite desse professor, que experimentou a filosofia como filosofar, será um passeio na direção da

filosofia como parte da vida e, assim, também poderá abrir caminhos para uma vida filosofante. Já entramos em outras partes da questão, mas não antecipemos demais o trajeto!

Voltemos. Todo passeio na filosofia tem como elemento o inesperado, pois, como prever o que pode acontecer em uma aula de filosofia? Como prever os caminhos de uma experiência com o pensamento? Não podemos. Não queremos. Não devemos nem tentar. Apenas sabemos que é preciso fazer filosofia de dentro da própria filosofia. Mas, o que é estar dentro da própria filosofia, se a própria filosofia abre inúmeros caminhos dentro de si mesma? Seria habitar essa abertura? Novamente não antecipemos.

Por enquanto apenas gostaria de pensar que cada professor de filosofia habita algumas filosofias e suas perguntas se multiplicam nos cenários que fazem sentido para cada um de nós. O que é ensinar? O que é aprender? O que é filosofia? O que é o filosofar? As perguntas seguem conosco e vão se multiplicando porque não cessam de nascer.

Essas perguntas importam sobremaneira, mas, como já sugeri, elas dependem do caminho que cada um de nós escolhe e, todos sabemos, há muitos modos bons de se fazer alguma coisa. Porém, apesar de todo caminho carregar sua singularidade, apesar de cada um deles ser totalmente particular, é possível aprender com os caminhos de outros, sobretudo quando suas pegadas imprimem marcas por onde andamos, quando nos deixamos ser atravessados pelas experiências que outros oferecem para nós. Afinal, não seria esse o convite que o professor faz para seus alunos? Por que razão com o professor haveria de ser diferente se na filosofia só podemos habitar do lado de dentro?

No caminho que trilho, marcado pelas pegadas que muitos deixaram nele, tenho procurado pensar o que seria, para mim, um terreno fértil para que o trabalho com o pensamento seja experiência, a um só tempo, de pura tensão entre ensinar e aprender, entre filosofia e filosofar. Há, para mim, um conjunto de pontos que julgo primordiais para sustentar o meu trabalho com o filosofar com crianças. A partir de agora, portanto, convido-os, amigos do filosofar, a passearem por esses pontos comigo<sup>44</sup>. Convido-os a entrarem na casa filosofante que tenho procurado habitar.

1. O filosofar exige um interesse pelo que é outro dentro e fora de nós. É preciso ter um espaço dentro de nós para que o diferente entre em nós. Às vezes isso se dá pelo encontro com o outro (seja, por exemplo, uma pessoa, uma ideia, um sentimento) ou também pelo movimento de tornarmos estranho o que nos parece familiar.
2. Conhecemos para darmos sentido ao que somos e o filosofar exige essa atribuição de sentidos que de repente se fixam em

44 Estes pontos foram inicialmente desenvolvidos no capítulo de livro intitulado "Sensibilidade inteligente e inteligência sensível na experiência do filosofar", publicado em livro da ANPOF, organizado por Marcelo Carvalho, José Benedito de Almeida Junior, Pedro Gontijo, em 2015. Para o presente texto eles foram atualizados.

- nós, fazendo com que outros mudem de direção, até que novos sentidos cheguem e mudem os sentidos que têm em nós. O conhecimento não é algo externo a nós, sem vínculo com a nossa vida. Assim entendido, o conhecimento se ligaria a nós de maneira instrumentalizada, servindo-nos unicamente pela sua suposta utilidade. O filosofar não pode ser instrumentalizado.
3. No filosofar as diferenças não são alimento para o poder, mas sim possibilidades de alargamento do saber. Isso também significa tornar o estranho familiar. Trazer o que é o outro para a sua família. Deixar que o filosofar do outro chegue a nós.
  4. O filosofar implica a consciência do humano que há em nós. Isto significa um respeito ao que já foi dito, pensado, vivido e sentido, e uma afirmação do tempo presente tendo como vetor as possibilidades que se abrem, inicialmente, como utopia.
  5. O filosofar requer uma relação com o poder e com o saber que não se transforme em “discurso competente”. Ser “especialista” em um determinado tema ou campo não pode ser usado para invalidar o pensamento do outro, porque tal movimento paralisa o pensamento do outro e inclusive o da própria pessoa que não permite que seu próprio pensamento dialogue e, portanto, ganhe vida.
  6. O filosofar requer praticar um desapego com relação ao que se sabe. A infância da filosofia já nos ensinou esse desapego com o modo com que Sócrates exercitou o pensamento e experimentou o filosofar.
  7. Filosofamos com o mundo e a partir dele. O mundo é cheio de significados e com eles se oferece a nós. Nele ninguém é só autor ou só leitor. Todos nós escrevemos e lemos no sentido de que temos nossa autoria que se dá em relação com outras autorias que se oferecem como leituras para nós.
  8. O pensamento comporta diversas dimensões. Compreender sua abertura é uma forma de escapar de uma visão de “homem unidimensional”. O filosofar não pode abdicar da complexidade que tem o próprio homem.
  9. O pensamento é um direito humano fundamental e inalienável. Isso significa que tão importante quanto saúde, educação e moradia, é o direito de pensar contra a manipulação do pensamento e a imposição de modos de pensar. O filosofar deve se afirmar como lugar de liberdade para o pensamento e as formas de vida que se afirmam com ele.
  10. Para filosofar é preciso abrir-se a experimentar o prazer do complexo frente à primazia do superficial. Por que o complexo não poderia ser prazeroso?
  11. Há muitos tempos que envolvem o pensamento. O filosofar implica um respeito ao tempo do nosso pensamento e ao do outro.
  12. O pensamento não é linear: pode mesclar pontos profundos e superficiais. Reconhecer essa tensão é compreender melhor a profundidade e superficialidade no filosofar.

13. O pensamento não vai sempre para frente. Às vezes é preciso voltar. Às vezes é preciso parar. O filosofar não deve se guiar pelo princípio de eficiência, procurando fazer mais em menor tempo. Isto é totalmente contraproducente.
14. O pensamento não pode ser antecipado e/ou adivinhado. Filosofar é também o encontro com o que temos de imprevisível.
15. O pensamento ganha vida não só no diálogo com o outro, mas sim também na não-palavra e no silêncio. Ou seja, o filosofar, como trabalho com o pensamento, alimenta-se do diálogo com o outro, mas também com o que é outro dentro de nós. Muitas vezes precisamos esvaziar-nos, abrindo-nos ao que, com o silêncio, podemos dizer e nos dizer.
16. Pensa-se melhor quando se brinca seriamente com as palavras, quando nos demoramos nelas. E isso tem a ver com dar sentido a elas e a nós.
17. O pensamento é contextualizado e essa contextualização é fundamental para filosofar, mas também se pode aprender com um pensamento descontextualizado, desde que contextualizemos tal descontextualização.
18. Pensar é verbo, é processo, é experiência. T. Adorno (2000, p.151) afirma: “Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais”. O filosofar é a afirmação de uma experiência intelectual.
19. Pensamento é vida quando nos deixamos pensar. O filosofar exige a fluidez de um pensamento vivificado.
20. Só se pode falar do pensamento estando dentro dele. Não há filosofar fora do pensamento.
21. Apequenar o outro pelo pensamento, com gestos e/ou palavras, é apequenar-se a si mesmo.
22. Viver é aprender. Pensar é aprender. Filosofar é aprender, inclusive e, sobretudo, a viver. Há uma estreita relação entre filosofia e vida, e o filosofar modifica essa relação.

Esses são alguns pontos que merecem a minha atenção. Eles se relacionam e podem - e devem - ser alargados. São os passos que venho tentando dar no caminho que tenho escolhido para ir compondo minha formação como professora de filosofia, especialmente no que diz respeito ao meu trabalho de filosofia com crianças. E eles afirmam sim um determinado lugar na escola - pensada aqui para mim como o lugar da instituição nos processos educacionais -, mas também afirmam um lugar na vida.

Para abrir mundos na escola com o filosofar é preciso ousadia. É preciso resistir aos mecanismos de controle que se encontram até em espaços inimagináveis e que pouco ou nenhum lugar deixam ao novo. Há que se fazer diferente. Há que se aceitar o risco e abrir espaço a outra formação. Uma formação em que cada voz possa ser pronunciada e escutada. Como sugere Adorno (2000, p.170), é preciso arriscar-se a ter pensamentos não assegurados:

Se me é permitido dizer algo bastante pessoal, tenho tido a experiência de que o efeito das minhas próprias produções, quando existe, na verdade não se relaciona de modo decisivo com talento individual, inteligência ou categorias semelhantes, mas que, devido a uma série de acasos felizes de que não me vanglorio e para que não contribuí em nada, não fui submetido em minha formação aos mecanismos de controle da ciência no modo usual. Portanto, continuo arriscando ter pensamentos não-assegurados, via de regra cedo banidos dos hábitos da maioria das pessoas por esse mecanismo de controle poderosíssimo chamado universidade – sobretudo no período em que são, como se costuma dizer, assistentes. Assim, a própria ciência revela-se em suas diversas áreas tão castrada e estéril, em decorrência desses mecanismos de controle, que até para continuar existindo acaba necessitando do que ela mesma despreza.

Às vezes, por exemplo, corremos o risco de paralisar a filosofia até mesmo numa aula de filosofia. Às vezes achamos que para fazer filosofia basta ter perguntas na aula. Mas não é bem assim, pois algumas perguntas podem fechar o pensamento. Juliana Merçon<sup>45</sup> pesquisou o perguntar na escola, nas aulas de filosofia, e percebeu três tipos de perguntar: o perguntar imitativo (quando o professor dá um exemplo de pergunta e pedem para que seus alunos criem outras no mesmo molde), o perguntar disciplinador (quando o professor coloca uma interrogação em algo que é muito mais uma afirmação. Por exemplo: “Fulano, você acha que agora é hora de conversar?” Não há nenhuma pergunta aqui. O professor não quer nenhuma resposta quando formula uma pergunta como essa.); e, por fim, o perguntar confirmador (quando o professor faz uma pergunta que, possivelmente, será respondida em uníssono. Por exemplo: “Todo mundo pode fazer tudo o que quer?” Há uma forte probabilidade de que haverá um coro na sala que responderá: “nãooo!”).

A filosofia, enquanto exercício e experiência do pensamento, precisa da pergunta que investiga e problematiza (perguntar investigador e perguntar problematizador), que abre o pensamento e que ao abri-lo, pode abrir novos mundos para se viver.

Um outro ponto – mas que se relaciona fortemente com o anterior – é o seguinte: Como pode um professor de filosofia, que faz pergunta ao outro, mas não a si mesmo, propiciar uma aula com a presença da filosofia e do filosofar? Como poderá propiciar um espaço para o ensinar e o aprender se a pergunta estiver fora dele? A filosofia e o filosofar exigem uma escuta do outro, mas especialmente uma escuta de nós mesmos.

Para abrir mundos faz-se necessário ainda aceitar o risco de ter pensamentos não-assegurados - para usar a expressão de Adorno -, mas

45 Artigo de Juliana Merçon, intitulado “Questionando o questionar de um filósofo com crianças”, apresentado em forma de comunicação no I Simpósio sobre Ensino de Filosofia da Região Sudeste, na Unimep, em Piracicaba.

cuja pergunta tenha raízes dentro de nós. Só assim nasce a filosofia e o filosofar: dentro de nós.

Recentemente li um livro sobre o Che Guevara, da coleção “Anti-heróis”. Nele há um texto de Eduardo Galeano (2017, p. 1) com o título “O nascedor”. Diz assim:

Por que será que o Che tem esse perigoso costume de seguir nascendo? Quanto mais o insultam, o traem, mas ele nasce. Ele é o mais nascedor de todos. Não será porque o Che dizia o que pensava e fazia o que dizia? Não será por isso que ele continua sendo tão extraordinário, em um mundo onde as palavras e as ações quase nunca se encontram, e quando se encontram não se cumprimentam, porque não se reconhecem?

Achei este texto muito belo e imediatamente pensei na filosofia. Acho que ela é a mais nascedoura de todas porque tem o curioso poder de nascer de dentro de si mesma e de afirmar-se como lugar de aberturas de mundo possíveis para se habitar pelo nascimento que há em nós de perguntas que movem nossa existência e nos permitem viver diferentemente. Esperamos que sempre de forma mais humana.

### Referências

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. In: **Educação e emancipação**. Tradução e introdução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, 2000. p. 169-183.

GALEANO, E. O nascedor. In: FINK, N. Ilustrador: SAÃ, P. **Che Guevara para meninas e meninos**. SUR livro: Florianópolis-SC, 2017. (Coleção anti-heróis, v. 2). p. 1.

Recebido: abril/2019

Aprovado: setembro/2019